



Eneida em cena

Eneida Onstage

Jacyntho Lins Brandão

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil

jlinsbrandao@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0003-4784-4190>

À querida Eneida, com amizade

Meu primeiro encontro com Eneida Maria de Souza foi um desencontro. O ano era 79 (do passado século), o local era Paris. Eu fazia uma viagem de férias pela Europa, daquelas de primeira vez e um tanto de mochileiro (ainda que não levasse mochila, pois sempre preferi mesmo as malas) e fui visitar Eliana Socotti Muzzi, que tinha sido minha professora de francês. Visitei também Mônica Frade e Beatriz Vaz Leão, ambas minhas colegas de graduação, e Lauro Belchior Mendes, meu professor de literatura brasileira. Como se vê, não se poderia dizer que caía como um marciano em Paris, havendo praticamente uma nossa Faculdade de Letras no ultramar. Foi lá que conheci mais duas outras pessoas: Joaquim Brasil Fontes Júnior (quando, com Eliana, fomos assistir a um filme de Wood Allen) e a nossa querida Vera Lúcia Andrade. Esta, a Vera (que na capital da França chegou a cantar certa vez com Mercedes Sosa), gostava de lembrar que nos conhecemos em Paris. Convenhamos que é uma verdadeira efeméride, a ser sempre lembrada.

Nos locais por que andei, sempre a pergunta: você conhece a Eneida? você já conheceu a Eneida? Não é que eu não soubesse de Eneida. Quem não sabia? Que era uma das nossas professoras de Teoria da Literatura, que tinha feito mestrado na PUC do Rio de Janeiro, orientada por Affonso Romano de Sant'Anna, que estava em Paris fazendo um doutorado sobre Macunaíma, dirigida por Julia Kristeva. Eu era um colega recente (só desde agosto de 77) e nunca havíamos tratado uma com o outro (talvez porque em 78 ela já

embarcava para a França). Nos anos mais próximos ela começou a dizer que nos conhecemos, sim, em Paris. Ainda que eu titubeie, tenho certeza de que não. Fiquei só uma semana e não nos encontramos. Para minha lástima, ela estava fora de cena – pelo menos para mim. E argumento decisivo: jamais eu me esqueceria um tal primeiro conhecimento – e onde! Como não esqueci que, por tudo que dela sugeria a admiração de todos, fiquei com enorme vontade de encontrá-la, sabendo quanto era preciso conhecer Eneida!

Isso aconteceu apenas em 83, na sala da coordenação do Colegiado de Graduação. Pode parecer que a situação é prosaica. Puro engano. Como eu era membro do colegiado, estava lá conversando com a coordenadora, Maria Lúcia Brandão, quando Eneida chegou para ver alguma coisa prática, talvez quais suas turmas daquele semestre. Mas, para mim, foi um acontecimento: Eneida entrava em cena. Ativa, elegante, fina e interessada. Não me lembro de ninguém nos ter apresentado um a outra, só que eu disse a ela que a havia conhecido pela fama em Paris... E é claro que ela respondeu algo assim: “então você é...” daquele jeito afetuoso e simpático, porque sempre com uma pitada de ironia, esse viés dos cultos e inteligentes.

No mesmo ano, deu ela um curso sobre Édipo, desdobrado nos de Lévi-Strauss, Freud e outros, me chamando para falar do grego. Uma cena curta, que todavia se desdobrou quando, em 84, no 1º. Congresso Nacional de Estudos Clássicos, promovido por nosso Departamento de Letras Clássicas, lá estava Eneida mais um punhado de seus alunos, como Maria Ester Maciel, Lúcia Castello Branco e Myriam Ávila, apresentando os frutos daquele curso. Que é mister confessar, não deixara de ser um tanto inspirador do congresso, cujo tema era justamente Édipo. Ao organizar o primeiro volume dos anais, escolhi por título o do trabalho de Eneida, *O enigma em Édipo Rei*, o qual, repercutindo lições de Jean-Pierre Vernant, Julia Kristeva e outros, propunha uma leitura própria, principiada com as seguintes palavras: “Tudo e qualquer questão sobre o enigma torna-se problemática, principalmente se ela recai sobre a origem enigmática de um texto. Como detectar a origem de uma escrita que se constrói sob e sobre enigmas, quando é ela por todos os lados devorada?”

Em resumo dos primeiros anos: não só nos tornamos conhecidos e amigos, como me tornei seu admirador. Bem incondicional. E nos anos seguintes acompanhei a criação e consolidação, por Eneida e outros, como Melânia Silva de Aguiar e Wander Melo Miranda, do Centro de Estudos

Literários, que inicialmente acolhia o acervo de Henriqueta Lisboa, ao qual logo se juntou o de Murilo Rubião. Acompanhei ainda a fundação, liderada por ela e, dentre outros, Tânia Franco Carvalhal, da Associação Brasileira de Literatura Comparada, bem como seus primeiros e memoráveis congressos. Acompanhei seu concurso para Professora Titular, seu memorial constituindo uma memória do desenvolvimento, em nosso meio, da Teoria da Literatura, do estruturalismo à literatura comparada e aos estudos culturais. É claro que a acompanhava, como muitos, sobretudo no que ela escrevia – e para falar só dos livros autorais: *A pedra mágica do discurso* (1988), *Traço crítico* (1993), *Tempo de pós-crítica* (1994).

Quando meu orientador de doutorado, José Cavalcante de Souza, já em 92, me perguntou se queria que participasse de minha banca alguém de minha universidade, de pronto lhe disse que queria Eneida. Minha tese sendo sobre a questão da alteridade na obra de Luciano de Samósata, ela fez uma arguição arguta e generosa (depois de ter lido o texto “deitada”, porque era um tanto volumoso, conforme me contou com a costumeira e gostosa ironia). Ela partiu do filme grego então contemporâneo, *Paisagem na neblina*, de Theo Angelópoulos, em que estão em cena dois meninos, Voulos, de onze anos, e Aléxandros, de cinco, os quais fogem de sua casa em Atenas, abandonando a mãe, em busca de um pai emigrado para a Alemanha, que nunca encontram. Daí fazia a ponte com Luciano, na sua alteridade sempre em busca de um pai (Homero?), todavia inalcançável.

Em meu tempo de Vice-Reitor, devo a Eneida um conselho que foi minha salvação. Comentando com ela que, naquele semestre, não havia conseguido manter minhas aulas, pois não tinha mais controle de minha agenda, as viagens a Brasília surgindo sem previsão, e lamentando que não dar aulas representava para mim um incômodo enorme, ela foi direta e certa: “Por que você não dá aulas na sexta-feira, dá uma disciplina de pós-graduação de tarde!” Claro: às sextas, sabe todo mundo, Brasília não funciona. Foi o que fiz nos três anos seguintes: a cada tarde de sexta, quando saía do gabinete, todo mundo já sabia: foi pra Grécia! e lá eu ficava até voltar à lida na segunda-feira. Agradecido do conselho de Eneida.

Por isso foi impactante receber, certo dia de 95, um telefonema em que ela contava que ia se aposentar. Era uma daquelas ocasiões em que o governo ameaçava perda de direitos. Nada a fazer. Mas foi um dia triste aquele, por

eu pensar que, voltando cem por cento à faculdade, quase três anos depois, não encontraria lá Eneida. Tudo levava a crer, portanto, que ela saía de cena.

Mas me enganei: não saiu. Continuou em cena na pós-graduação (seu vigésimo-quarto orientando de doutorado, Ewerton Martins Ribeiro, defendeu a tese em 2021), continuou em cena no Centro de Estudos Literários (e trouxe para ele tantos acervos e projetos), continuou em cena na Abralic. Jamais abandonou os amigos. Em suma: nunca deixou de ter seu papel destacado no cenário da inteligência brasileira. Isso acompanhamos todos, bastando recordar quantos livros, que fizeram época, ainda se acrescentaram a sua bibliografia: *Autran Dourado* (1996), *Modernidades tardias* (1998), *O século de Borges* (1999), *Crítica cult* (2002), *Pedro Nava: o risco da memória* (2004), *Pedro Nava* (2005), *Janelas indiscretas* (2011) e, enfim, o volumoso *Narrativas impuras* (2021).

O lançamento deste foi a última vez que encontrei Eneida. Como era tempo de pandemia, cheguei cedo e foi uma alegria, como sempre, ver que ela chegava, na companhia da Cibele, e, mal assentada, enquanto trocávamos duas palavras, gravou-me a dedicatória: “Ao querido Jacyntho, com amizade”.

Engana-se quem pensa que Eneida afinal saiu de cena. Uma vida como essa jamais estará de saída, só permanece, fecunda e atuante, de outros modos. Não posso deixar de imaginá-la entrando em cena no céu. Com sua fina e poética ironia ela diria a São Pedro: “Com licença, meu branco”. E ele, como sempre bonachão: “Pode entrar, Eneida, você não precisa pedir licença”.